

O FUTEBOL TELESPETÁCULO E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO

Renato Beschizza Valentin
Mestrando em Educação Física
Fernando Renato Cavichioli
Doutor em Educação
Universidade Federal do Paraná
Órgão financiador: FAPESP

RESUMO

Este trabalho articula uma discussão acerca do sentido das representações sociais sobre futebol telespetáculo dos moradores do bairro COHAB de Presidente Prudente/SP. Realizamos nove (9) entrevistas semi-estruturadas junto aos moradores sob a perspectiva de coligir os discursos engendrados em torno do futebol telespetáculo. Posteriormente, passamos a analisar os discursos sob o intento de mapear e compreender a emergência das representações sociais que apontam para o sentido do futebol telespetáculo. Concluimos que o futebol telespetáculo se integra no cotidiano dos moradores de acordo com o patamar de equilíbrio entre pulsão e restrição, compreendendo a produção de enclaves de interpelação ideológica.

Palavras-chave: Futebol. Televisão. Representações sociais.

ABSTRACT

This work articulates a quarrel concerning the direction of the social representations on soccer telespectacle of the inhabitants of quarter COHAB of Presidente Prudente/SP. We carry through nine (9) interviews under the perspective of collect the speeches produced around the soccer telespectacle. Later, we start to analyze the speeches under the intention of understanding the emergency of the social representations that point with respect to the direction of the soccer telespectacle. We conclude that the soccer telespectacle if integrates in accordance with in daily of the inhabitants the platform of balance between tension and restriction, understanding the ideological interpellation.

Key words: Soccer. Television. Social representations.

RESUMEN

Este trabajo articula una pelea referente a la dirección de las representaciones sociales en el fútbol telespectáculo de los habitantes del cuarto COHAB de Presidente Prudente/SP. Llevamos con nueve (9) entrevistas bajo perspectiva de recoger los discursos producidos alrededor del fútbol telespectáculo. Comenzamos a analizar los discursos bajo intención de entender las representaciones sociales que señalan con respecto a la dirección del telespectacle del fútbol. Concluimos que el fútbol telespectáculo si integra de acuerdo con adentro el diario de los habitantes la plataforma del equilibrio entre la tensión y la restricción, entendiendo la producción ideológica.

Palabras claves: Fútbol. Televisión. Representaciones sociales.

INTRODUÇÃO

O esporte se afigura como um fenômeno social de extrema relevância para a vida cotidiana nas sociedades-Estado contemporâneas. Um breve passeio pelos jornais impressos trará à percepção do leitor uma grande quantidade de notícias, especulações,

tabelas e resultados – comumente aglutinados em um caderno dedicado exclusivamente ao esporte. Na condição de telespectador, o sujeito pode vislumbrar um sem-número de programas televisivos nos quais se oferece uma grande quantidade de minúcias e particularidades sobre o esporte na região, no Brasil e no mundo.

O desenvolvimento qualitativo da produção acadêmica acerca das problemáticas que envolvem esporte e mídia trouxe a nossa razão e sensibilidade a necessidade de aventar alguma alternativa para provocar, deflagrar os discursos dos moradores da COHAB de modo a abranger as possíveis interdependências entre o futebol praticado nos lugares da COHAB e o futebol telespetáculo. Nesse sentido, optamos pela publicização das análises que realizamos acerca do sentido das representações sociais do futebol telespetáculo que emergiram dos discursos dos atores sociais moradores da COHAB. Cabe ressaltar que as análises circunscritas neste texto constituem uma pesquisa mais ampla que contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, cujo objetivo fora investigar a relação entre os sentidos das representações sociais sobre futebol e as práticas cotidianas dos atores sociais, cuja idade se encontra entre 14 e 30 anos, do sexo masculino moradores do bairro COHAB de Presidente Prudente/SP.

METODOLOGIA

Durante a elaboração do roteiro que nortearia as entrevistas do nosso estudo mais amplo, incluímos uma pergunta sobre o gosto dos atores em relação ao futebol assistido pela televisão. Isso porque tal decisão asseguraria um artifício que poderia ser lançado aleatoriamente durante as entrevistas, de modo que pudéssemos atrair o discurso dos atores para esse caminho, caso o mesmo não se encaminhasse “naturalmente”. Entendemos que o artifício de provocar o discurso dos atores em um determinado sentido não se configura como uma medida autoritária que emerge das vontades do investigador, mas apenas uma garantia de que essa relação possa ser ou não levada em conta pelos atores em seus discursos, pois antevemos a possibilidade de que a nossa identificação como “professor de Educação Física” que estaria realizando uma pesquisa sobre o futebol na COHAB poderia suscitar a antinomia global x local nas consciências dos atores, de modo que estes últimos limitariam seus discursos tão somente à escala local. A nossa interferência nas entrevistas assume o sentido de contrabalançar a possibilidade de censura provocada pela nossa identificação através do estímulo para o diálogo em relação ao futebol telespetáculo.

Optamos pela realização das entrevistas semi-estruturadas nos lugares de esporte do bairro COHAB, quais sejam, o Parque das Andorinhas e o Sistema de Lazer “Jardim Balneário-Vale Verde”. Essa opção foi tomada mediante a previsão de que a realização da entrevista no cerne dos acontecimentos futebolísticos do bairro poderia atuar como catalisador da produção de dizeres em torno do futebol.

Em relação à quantidade de atores sociais entrevistados, optamos por permanecer com nove (9) entrevistas realizadas devido à saturação do seu conteúdo, ou seja, devido ao fato de que o teor dos discursos se tornou repetitivo ao longo das entrevistas. Além de desnecessária, a persistência no acúmulo de discursos repisados poderia inclusive prejudicar o andamento do trabalho, pois estaríamos nos dedicando à coleta, à transcrição e à análise de um material discursivo repetitivo, quando poderíamos tornar as análises mais minuciosas e profundas.

Concluídas as entrevistas, passamos a transcrevê-las, porque entendemos que o manuseio do material coletado se torna mais dinâmico e acessível, e também porque a transcrição permite uma conservação mais longa do material, dada a fragilidade das fitas. Tomamos o cuidado de não omitir qualquer fala, expressão, gaguejo, hesitação, lapso de memória, silêncio, enfim, realizamos um esforço no sentido de reproduzir fielmente os

dizeres dos atores sociais, pois entendemos que mesmo os detalhes mais sutis podem ser pistas importantes para a investigação que pretendemos.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Podemos perceber nos fragmentos abaixo um discurso que explicita um nivelamento entre o ato de assistir futebol e o ato de jogar futebol no que se refere à obtenção de prazer, diversão ou distração. Este dado pode ser considerado como fator sociologicamente significativo, porque possibilita uma compreensão sobre o crescente controle exercido pelo discurso midiático – acerca dos modos aceitáveis, “educados” e convenientes de desfrute do futebol – sobre o indivíduo situado numa complexa e diferenciada teia de interdependências. A possibilidade de compreensão de que estamos falando foi sugerida pelas contribuições sociológicas de Norbert Elias para o entendimento sobre os processos civilizadores:

“Eu, particularmente, adoro futebol, adoro tanto jogar quanto assistir” (Pedro).

“É que eu gosto de futebol, então, na televisão também. Eu não perco jogo nenhum, não gosto de perder jogo não, na televisão como também [...] no estádio também. Prudente, agora tem um time de Prudente, eu vou assistir todos os jogos” (José).

“Viu, porque a gente vive de futebol, a gente gosta. Então, é pra tá por dentro dos assunto, né” (Jair).

Quando questionados sobre os seus respectivos gostos em relação ao desfrute do futebol pela televisão, os atores sociais atribuem seu gosto pelo futebol telespetáculo ao apreço que estes mantem com o futebol carnalmente vivido, ou seja, a satisfação das necessidades relacionadas à vivência imediata das emoções no futebol pode ser alcançada através de duas vias de acesso: das situações concretas de jogo nos lugares de sociabilidade lúdica e esportiva do bairro COHAB ou da assistência da transmissão televisiva acerca do esporte – considerando que a primeira via de acesso condiciona e/ou possibilita a busca pela segunda, de acordo com os dizeres dos atores sociais nos três últimos fragmentos. No segundo fragmento, o discurso sobre o gosto pela assistência do futebol na mídia televisiva afigura três modalidades de desfrute do futebol previstas na conduta do ator social: o futebol elevado à primeira, à segunda e à terceira potência:

O esporte, de jogo em primeira pessoa, em que se exercita a liberdade, torna-se uma espécie de discurso sobre o jogo – o jogo como espetáculo para os outros e, depois, o jogo jogado por outros e visto por mim: “O esporte ao quadrado é o espetáculo esportivo” (*ibidem*, p. 222). Mas o discurso sobre o esporte assistido engendra um esporte *ao cubo*: é o discurso da imprensa esportiva [...] (BETTI, 2004, p. 33-34).

Sobre o processo identificado na citação acima, podemos dizer que ocorre uma mudança nas práticas e nos costumes cotidianos dos moradores da COHAB que indica uma regulação da mídia televisiva acerca da apropriação do futebol, dado que esta regulação midiática já se encontra introjetada e normalizada pelos atores sociais nos seus respectivos cotidianos. A tensão, os riscos e as emoções de um jogo de futebol, disputado através das relações concretas (competitivas e cooperativas, amistosas ou hostis) que se dão nas situações de jogo entre indivíduos, são vivenciados de forma tênue, indireta e, na maioria das vezes, de forma solitária, em âmbito doméstico. A obtenção do prazer no futebol através da assistência do olhar midiático é o efeito de uma autolimitação nas

atitudes esportivas dos moradores da COHAB. As interdependências concernentes à vivência futebolística produziram uma forma específica, regulada e mediada de conduta que, paulatinamente, foi se equiparando ao conjunto de hábitos, práticas e comportamentos carnalmente vividos. Com o advento das transmissões televisivas dos jogos de futebol, o surgimento de uma modalidade de obtenção da excitação e do prazer acarretou uma maior diferenciação, complexidade e extensão das cadeias de interdependência construídas acerca do futebol. A condição de telespectador afasta o indivíduo do desfrute intenso, imediato e direto da prática do futebol, na medida em que o aproxima de uma forma específica de excitação, que se encontra bem distante dos “trancos”, dos dribles, dos gritos, das ofensas, dos chutes e dos esforços concretos:

A agência controladora que se forma como parte da estrutura da personalidade do indivíduo corresponde à agência controladora que se forma na sociedade em geral. A primeira, como a segunda, tende a impor uma regulação altamente diferenciada a todos os impulsos emocionais, à conduta do homem na sua totalidade. Ambas – cada uma delas mediada em grande parte pela outra – exercem pressão constante, uniforme, para inibir explosões emocionais. Abrandam as flutuações extremas no comportamento e nas emoções. Assim como a monopolização da força física reduz o medo e o pavor que um homem sente de outro, mas, ao mesmo tempo, limita sua possibilidade de causar terror, medo ou tormento em outros e, portanto, certas possibilidades de descarga emocional agradável, o constante autocontrole ao qual o indivíduo está cada vez mais acostumado procura reduzir os contrastes e mudanças súbitas de conduta e a carga afetiva de toda auto-expressão. As pressões que atuam sobre o indivíduo tendem a produzir uma transformação de toda economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida (ELIAS, 1993, p. 201-202).

A partir da citação acima, podemos perceber que a gênese de comportamentos e de atitudes no indivíduo encontra uma correspondência nas formas mais amplas de controle e de regulação social – como é o caso da televisão na sociedade capitalista contemporânea, por exemplo. No entanto, estas formas de conduta e de comportamentos individuais são modeladas pelas autolimitações, cada vez mais instiladas na estrutura de personalidade dos atores sociais através da ação duradoura dos mecanismos de controle social, de modo que os contrastes, as mudanças e as explosões súbitas no plano emocional se tornam mais controladas, uniformes e estáveis. Ocorre, portanto, que transmissão televisiva do futebol implica na rotinização de uma economia da excitação esportiva dos moradores da COHAB, que acaba por consolidar (introjetar) o gosto pelo futebol telespetáculo como saída segura e controlada para a vivência do referido esporte. Talvez essa diferenciação das formas de apropriação do futebol – tomado enquanto realidade significativa da esfera mimética dos moradores da COHAB – possa ser comparada às observações de Norbert Elias sobre as mudanças históricas nas formas de excitação e nos passatempos das elites, pois tais mudanças apontam para um sentido muito semelhante àquele analisado nas representações sobre o futebol telespetáculo:

A vida torna-se menos perigosa, mas também menos emocional ou agradável, pelo menos no que diz respeito à satisfação direta do prazer. Para tudo o que faltava na vida diária um substituto foi criado nos sonhos, nos livros, na pintura. De modo que, evoluindo para se tornar cortesã, a nobreza leu novelas de cavalaria; os burgueses assistem em filmes à violência e à paixão erótica (ELIAS, 1993, p. 203).

Ao passo que o desfrute concreto do futebol vai “cedendo” espaço para a apropriação da transmissão televisiva, a vida dos atores sociais torna-se menos excitante, emotiva e perigosa, pois o futebol telespetáculo afigura-se como uma relação passiva, estável e uniforme entre esporte e indivíduo. Tornou-se interessante que este padrão de

conduta esportiva do futebol telespetáculo, mais previdente e regulamentado, foi difundido sobremaneira em todo o tecido de configurações de jogadores formadas em torno do futebol televisado. O futebol telespetáculo constitui-se como um modelo global e hegemônico de conduta esportiva, na medida em que seus principais atores são tidos como mais importantes ou “melhores” jogadores do mundo, o que implica o seu forte poder de influência valorativa nas diferentes formações societárias – no âmbito do desfrute do futebol – que se encontram orientadas umas às outras e em relação à mídia televisiva. É o que constatamos a princípio nos discursos dos moradores da COHAB, expostos nos fragmentos abaixo:

“Ah, os cara joga demais lá, né [...] assisto um Ronaldinho Gaúcho de vez em quando” (Jonas).

“Ah, ver os dribles assim, os gol, os carinha jogando, é bem divertido” (Luís).

“Porque geralmente não tá passando nada que presta. Então, se tiver passando o futebol, eu prefiro assistir futebol. Além de assistir, você aprende ainda, aprende vendo os profissionais jogar, aprende muito” (João).

“Às vezes, eu nem me ligo muito no placar do jogo, mais, tipo assim, nas jogadas dos caras, o que que os caras fazem. Falo: ‘P., como o cara consegue?’” (Edson).

Como já fora brevemente indicado, a constante referência dos discursos ao Ronaldinho Gaúcho chamou a nossa atenção para a construção midiática do herói futebolístico como aspecto determinante na representação social do futebol, de modo que a heroicização de um jogador através do discurso televisivo acarreta profundas transformações na apropriação passiva e na vivência do futebol no cotidiano dos atores sociais. Oliveira (2000) nos diz que a figura do ídolo futebolístico pode ser explorada ideologicamente pela burguesia através da mídia televisiva “... sendo, até certo ponto, facilitada por envolver questões de imaginação, imagem, contemplação, fascínio, gerando uma ‘aproximação’ com a sociedade de forma bastante sutil” (OLIVEIRA, 2000, p. 106). É por isso que não poderíamos compreender a assunção do Ronaldinho Gaúcho à condição de herói no discurso dos atores sociais desvinculada da compreensão do discurso televisivo que condiciona as possibilidades de representação social sobre futebol: tratam-se de fenômenos interdependentes que não podem ser tratados separadamente.

Percebemos que a emergência do nome do jogador de futebol supracitado se fez presente no discurso de apenas três atores, como pode ser identificado abaixo:

“Ah, igual ao Ronaldinho, quem não queria ser igual ele?” (Hermes).

“Ah, porque eu quero ser que nem o Ronaldinho Gaúcho” (Luís).

“... assisto um Ronaldinho Gaúcho de vez em quando” (Jonas).

No primeiro fragmento, encontramos uma resposta, que se inicia em tom de exclamação indicando a obviedade inerente ao enunciado que se segue, emitida quando perguntamos ao ator social se ele gostaria de ser igual a algum jogador de futebol. Logo ao final do enunciado, encontramos uma pergunta (quem não queria ser igual ele?),

acompanhada da palavra “não”, que, na verdade, indica uma afirmação (todos querem ser iguais ele): o não-dito apresenta-se novamente como o dito de outra forma, de modo que o ator social se utiliza de outros dizeres para indicar o teor de obviedade inerente à resposta daquela pergunta que fizemos. Percebemos que o primeiro enunciado opera um falseamento do real, pois nada indica que todas as pessoas gostariam de estar na situação do jogador mencionado. Sendo assim, a legitimidade do herói é garantida através de um discurso que só pode existir de modo arbitrário, pois não faz referência a fatos e saberes concretos ou empiricamente observáveis, mas sim a um sistema de crenças arbitrariamente inculcado nas consciências individuais através da operação dos aparelhos ideológicos do Estado burguês, como é o caso da mídia. A obviedade acenada pela exclamação inicial e pela pergunta que finaliza o enunciado faz com que o ator social “esqueça” dos condicionamentos ideológicos que determinam a heroicização do jogador e do discurso midiático que possibilita a exteriorização dos seus dizeres.

O segundo fragmento explicita outra resposta do ator social à nossa pergunta sobre por que ele queria ser jogador de futebol. Logo, o desejo de igualar sua condição humana à do jogador Ronaldinho Gaúcho se confunde ao objetivo de se tornar profissional, como se todo jogador profissional de futebol se equiparasse ao Ronaldinho Gaúcho seja em termos de habilidade, de notoriedade ou de condição econômica, pois “... recebendo até dois salários mínimos estão nada menos do que 70,63% dos jogadores profissionais de futebol no Brasil, e de um a cinco salários mínimos, 90,23%” (NEGRÃO, 1994, p. 67), além do que “... os contratos acima de dez salários mínimos são apenas 3% do total de jogadores de futebol profissional no Brasil” (MAGALHÃES apud NEGRÃO, 1994, p. 66). Não dedicaremos mais deste texto a essa outra discussão, mas há que se ponderar sobre a complementaridade entre tais representações no sentido de que a coexistência de ambas potencializa a produção de estratégias e práticas legitimadoras da hegemonia burguesa que se encontra vigente no Brasil, em decorrência das políticas neoliberais que vêm sendo implementadas e aprofundadas desde o governo Collor.

Apesar das particularidades que se apresentaram em nível de discurso, os atores sociais que pronunciaram os três últimos discursos apresentam um traço forte em comum: são pré-adolescentes (14, 14 e 15 anos, respectivamente) empobrecidos que são grandemente atingidos pela narrativa mítico-midiática que envolve a figura do jogador heroicizado devido às semelhanças existentes entre as origens do herói e a condição sócio-econômica dos atores sociais entrevistados. De fato, a identificação entre um grupo social e seus ídolos é recorrente em incontáveis momentos históricos, de modo que os valores, as normas e a moral assumida pelo herói já se encontram razoavelmente enraizadas em uma formação societária específica. Entendemos que a identificação de um grupo etário que veicula discursos acerca da figura do Ronaldinho Gaúcho pode oferecer indícios acerca da relação herói/ídolo x sociedade, tendo o futebol como contexto de práticas no qual essa relação se dá, pois categorizar “... alguém de herói ou monstro depende de onde se localize o foco da sua consciência” (CAMPBELL, 1990, p. 135).

Campbell (1990) demonstra com bastante propriedade algumas características arquetípicas como se constrói a figura do herói, sua trajetória e seus objetivos mais genéricos:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno (CAMPBELL, 1990, p. 131-132).

Para Campbell (1990), o herói é aquele sujeito que sente que algo foi usurpado de alguém ou que as experiências normais ou desejáveis da vida de seu povo estão sendo cerceadas. Logo então, o herói inicia sua trajetória repleta de adversidades, provações, desafios, lutas, sacrifícios, em relação aos quais ele deve demonstrar toda a sua habilidade, coragem e capacidade que o habilita para superar tais adversidades. No entanto, o movimento do herói perfaz um círculo, com partida e retorno, de modo que ele retorna ao seu povo após ter colocado sua própria vida em risco e lhe apresenta uma mensagem (de vitória, de salvação, etc.).

Diante dessa compreensão de Campbell (1990) sobre a heroicização do sujeito, percebemos uma profunda relação com a trajetória do Ronaldinho Gaúcho. Na verdade, este jogador compõe um quadro mais geral de jogadores-heróis – dentre os quais podemos citar Pelé, Garrincha, Leônidas e outros mais recentes, como Zico, Romário e Ronaldo – que emergem das camadas populares e/ou de condições miseráveis para exibir um futebol fantástico, repleto de dribles, jogadas fascinantes, de modo que retornam às suas origens, após uma série de atos heróicos de superação das provações, trazendo consigo uma mensagem, uma “boa-nova”:

Os jogadores que continuam visitando seus bairros nos subúrbios, seus vizinhos e amigos, que vemos em rodas de pagodes e churrascos, mantêm laços com sua origem humilde, sustentando um estilo de vida popular, podem estar presos ao estilo de vida profana, não diferenciando-se dos demais. Para atingirem a esfera do sagrado, deve, cada vez mais, se afastar desses símbolos. Logo, eles teriam que advir da classe popular (facilitadora da ressonância), mas ao longo da trajetória, distanciar-se dessas características, assumindo outra postura que os elevaria ao âmbito sagrado dos heróis (OLIVEIRA, 2000, p. 67).

Percebemos que as discussões acima possam contribuir sobremaneira para compreender as condições de produção dos discursos abaixo:

“Ele é um mágico, ele joga muito, todo mundo gosta dele”
(Hermes).

“... é você jogar bola que todo mundo gosta, tipo, de você, que nem o Ronaldinho Gaúcho” (Luís).

“Ah, joga muito, demais, é muito bom” (Luís).

Estes três fragmentos apresentam discursos muito semelhantes, pois todos decorrem de condições de produção praticamente idênticas, resultantes das relações herói/ídolo x sociedade no campo futebolístico de práticas sociais. No primeiro fragmento, a associação sequencial das frases concorre para a construção de um enunciado que indica uma relação de causa e consequência: determinado jogador realiza jogadas estéticas em quantidade e em qualidade (“ele joga muito”), dribles desconcertantes, imprevisíveis ou mesmo improváveis (“Ele é um mágico”), logo, ele é adorado e aclamado pelo povo em virtude dos seus feitos heróicos (“todo mundo gosta dele”). No fragmento seguinte, o ator social explicita a relação de causa e consequência presente no discurso anterior, mas em seguida, ao produzir seus dizeres num ímpeto de exemplificação, apenas um nome vem à tona no discurso: “... que nem o Ronaldinho Gaúcho”. No terceiro fragmento, o ator social esboça o que há no Ronaldinho Gaúcho que provoca tanta admiração, como argüiu a nossa questão.

No entanto, existe ainda uma questão a desvendar: por que esse discurso sobre o herói futebolístico foi sustentado pelos atores sociais de uma faixa etária em particular? Por que justamente os mais jovens?

De acordo com Betti (2004), os adolescentes brasileiros assistem televisão cerca de quatro horas por dia; ao passo que, de acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2001, cerca de 89% das moradias possuem pelo menos uma televisão, de modo que as moradias com rádio alcançam o percentual de 88%. Todos esses dados podem ser somados à constatação de que as entrevistas do presente estudo foram realizadas no período imediatamente anterior à Copa do Mundo FIFA de futebol – que alcança a escala global de telespectadores, dado que, só nos E.U.A., a partida final deste mesmo evento foi sintonizada por 120 milhões de aparelhos de televisão (BETTI, 2004), – de modo que a vida social dos atores entrevistados estava sendo constantemente e diariamente alvejada por um torpedo de imagens, notícias, programas, etc., que davam providência de informar aos telespectadores todas os detalhes envolvendo tanto a preparação dos jogadores da Seleção Brasileira para a Copa, quanto a trajetória particular galgada pelos mesmos rumo ao sucesso, à admiração, à condição de herói.

Todos os adolescentes entrevistados freqüentam a escolinha de futebol do bairro COHAB sob a perspectiva de um dia vir a se tornar um jogador profissional de futebol: uma tarefa extremamente complicada, haja visto que, – muito embora a ideologia do *self-made man* interfira no sentido de mascarar as relações de exploração que se dão no futebol federado e de cimentar as diferenças econômicas entre os jogadores profissionais – a disciplina, a dedicação e a assiduidade são elementos constantemente associados à prática do futebol nas escolinhas. Logo, os atores sociais se apropriam da história de vida de jogadores oriundos das camadas populares, em relação a qual o discurso midiático imprime o caráter de uma narrativa mítica, como exemplo que abre caminho para o possível, que fortalece a vontade dos adolescentes para percorrer o percurso das proezações do herói.

Nesse caso, a ênfase atribuída pelo discurso da mídia ao percurso do herói engrandece a força de vontade dos adolescentes no sentido da busca individual pela ascensão social, ao passo que incita sua submissão à ação pedagógica que se circunscreve nas escolinhas de futebol, entendidas aqui enquanto aparelhos privados de hegemonia e de institucionalização pedagógica do processo civilizador. No entanto, cabe ressaltar que a representação social do futebol como mecanismo de ascensão social assume um aspecto diferenciado do que havíamos constatado: os atores sociais desejam igualar sua condição humana à do Ronaldinho Gaúcho não apenas pelos seus bens materiais, mas também pela sua fama, pelo seu sucesso e pelo seu esplendor. Isso se encontra bastante nítido nos últimos fragmentos dos discursos de Hermes e de Luís: eles objetivam igualar sua condição à condição do Ronaldinho Gaúcho porque este é considerado um “herói do povo”, pois “...todo mundo gosta dele” (**Hermes**).

Talvez os benefícios materiais associados aos jogadores profissionais (carros, aviões, mansões, contratos milionários, etc.) ainda não façam tanto sentido ou ainda não constituam uma categoria hegemônica de motivo para que os atores sociais mais jovens (14 e 15 anos) joguem futebol no seu cotidiano, seja nos lugares lúdico-esportivos, seja nas escolinhas de futebol. A profunda identificação entre herói/ídolo e sociedade remonta épocas ancestrais e períodos históricos pré-capitalistas, de modo que a apropriação da imagem do jogador profissional como instrumento político que fomenta e fortalece a ideologia do *self-made man* no imaginário de jovens e adolescentes caracteriza-se como uma tática de manutenção da hegemonia burguesa, o que só passa a fazer sentido no atual cenário ideológico da luta de classes e só possui tamanha abrangência social em virtude da eficácia do discurso midiático, que transpõe as barreiras do intelecto e da compreensão para atingir a emotividade dos seus diferentes alvos.

Os dois fragmentos abaixo fornecem algumas evidências interessantes sobre os efeitos da mídia televisiva na construção da representação social sobre futebol dos atores sociais moradores da COHAB:

“Futebol, eu acho que é a coisa melhor que tem assim pra você fazer. Qualquer coisinha que você faz, tipo, dá um passe assim, faz um gol, você já é bem falado assim no mundo inteiro” (Luís).

“Ah, eu acho que, tipo assim, o futebol é o que mais no mundo assim, o que mais é falado, eu acho assim, no esporte. Passa na televisão, todo lugar que você passa tem alguém jogando bola, todo lugar. Eu acho o maior do mundo, assim, de esporte” (Luís).

Os discursos apontam para a dimensão que podem alcançar as práticas esportivas engendradas no campo futebolístico. O primeiro fragmento corresponde à resposta emitida pelo ator social diante do questionamento sobre o que seria o futebol para ele, de modo que a prática do futebol aparece neste discurso como uma vitrine para o mundo (“Qualquer coisinha que você faz, tipo, dá um passe assim, faz um gol, você já é bem falado assim no mundo inteiro”). O segundo fragmento apresenta a resposta do ator social Luís sobre o porquê da sua opção pelo futebol como sua única prática esportiva e/ou de lazer, de modo que o ator atribui a hegemonia do futebol no seu cotidiano às determinações externas: o futebol estaria, segundo o ator social, impregnado na vida em sociedade e na televisão, logo, torna-se o “... maior do mundo...” (Luís). Tais discursos engendrados acerca da prática futebolística são decorrência do discurso da mídia televisiva, que hegemoniza a vida pública e a vida privada através da transmissão de uma série de imagens, propagandas, programas esportivos, competições oficiais, cobertura do cotidiano dos jogadores, etc. A integração do esporte na vida cotidiana através da transmissão midiática já foi constatada nos estudos de Betti (2004).

Podemos, então, argumentar que o discurso midiático, que torpedeia os indivíduos com transmissões esportivas, redimensiona a compreensão e o desfrute do futebol nos lugares de esporte e lazer do bairro COHAB de Presidente Prudente, dado que os dois últimos discursos explicitados discorrem, de um lado, sobre a repercussão mundial da prática futebolística, e de outro, sobre a massificação da cultura do futebol. Logo, há que se pensar a prática do futebol dos atores sociais como uma parcela específica da cultura local, do cotidiano vivenciado nos lugares de esporte e lazer do bairro COHAB, que cada vez se insere no processo de globalização, o que, de certa maneira, corrobora a tese de Mascarenhas (2003) acerca do despedaçamento/sitiamento do pedaço.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

MASCARENHAS, F. O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 3, 2003, p. 121-143.

NEGRÃO, R. F. O trabalho do jogador de futebol profissional. **Discorpo**. São Paulo, n. 2, 1994, p. 59-68.

OLIVEIRA, A. B. C. **Representações da torcida “Raça Rubro-Negra” sobre o ídolo do futebol**. 2000. x f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.